

“A gralha soberba e o pavão” (Fedro): uma abordagem semiótica do sujeito

“The ground soberba and the peanut” (Fedro): a semiotic approach of the subject

Miguél Eugenio Almeida¹
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

♦ RESUMO: Na fábula *A GRALHA SOBERBA E O PAVÃO* (FEDRO), analisamos o comportamento soberbo da gralha e o comportamento defensivo do pavão humilhando-a pela sua condição limitada de sua formosura. Para tanto, ao investigarmos os comportamentos dos sujeitos *gralha* e *pavão*, actantes da narrativa, estamos apresentando as modalidades veridictórias, campo da semiótica objetal desses sujeitos. No caso, verificamos os sujeitos nas estruturas sêmio narrativas, contemplando a sintaxe narrativa superficial, a semântica narrativa, a sintaxe fundamental e a semântica fundamental, baseando-nos principalmente em Greimas e Courtés ([1979]).

♦ PALAVRAS-CHAVE: Semiótica Objetal; Percurso narrativo; Sujeitos actantes

♦ ABSTRACT: In the fable *THE GROUND SOBERBA AND THE PEANUT* (FEDRO), we analyze the superb behavior of the crow and the defensive behavior of the peacock humiliating it by its limited condition of its beauty. To do so, when investigating the behaviors of the subjects *jay* and *peacock*, actants of the narrative, we are presenting the veridictory modalities, field of the semiotics of these subjects. In this case, we verify the subjects in the superficial narratives semio structures, contemplating superficial narrative syntax, narrative semantics, fundamental syntax and fundamental semantics, based mainly on Greimas and Courtés ([1979]).

♦ KEYWORDS: Semiotics; narrative path; Actants subjects

0. Considerações iniciais

Nesta fábula, analisamos principalmente o comportamento soberbo da gralha e o comportamento defensivo do pavão levando a gralha à humilhação, decorrente da sua condição limitada de sua natureza formal de ser.

Desse modo, ao investigarmos os comportamentos dos sujeitos *gralha* e *pavão*, actantes da narrativa, estamos apresentando as modalidades veridictórias, campo da semiótica objetal desses sujeitos. No caso, verificamos os sujeitos nas estruturas sêmio narrativas, contemplando a sintaxe narrativa superficial, a semântica narrativa, a sintaxe fundamental e a semântica fundamental.

Para tanto, dividimos esta pesquisa de aplicação em dois pontos: 1. Os componentes do percurso gerativo e suas noções teóricas. 2. O percurso narrativo e os sujeitos actantes na fábula.

1. Noções teóricas dos componentes do percurso gerativo

Seguindo a orientação teórica e metodológica de Greimas & Courtes ([1979]), pontuamos os elementos do percurso gerativo: manipulação, competência, performance e sansão.

¹ Pós-Doutor pela UNEMAT. Doutor em Língua Portuguesa pela PUC/SP. Docente da UEMS/UUCG. mealmeida_99@yahoo.com.br

1.1. A Manipulação

Este elemento, grosso modo, é uma forma e/ou formas categorizando estratégias que o homem as utiliza para atingir os seus objetivos específicos; ou seja, de acordo com os teóricos criadores da semiótica objetual:

[...] a manipulação caracteriza-se como uma ação do homem sobre outros homens, visando à faze-los executar um programa dado: no primeiro caso, trata-se de um ‘fazer-ser’, no segundo, de ‘um fazer-fazer’; essas duas formas de atividade, das quais uma se inscreve, em grande parte, na dimensão pragmática* e a outra na dimensão cognitiva*, correspondem assim a estruturas modais de tipo factitivo*.
(GREIMAS; COURTES, op. cit., p.269)

A ação que manipula, é utilizada pelo homem, a fim de estabelecer um cumprimento de um programa, ocorrendo de dois modos: *fazer-ser*; *fazer-fazer*. Explicitando, temos:

[...] um fazer operatório (fazer-ser) ou manipulatório (fazer-fazer), fosse ele um fazer que constrói, transforma e destrói as coisas, ou de um fazer factitivo* que manipula os seres – o fazer surge como a função-predicado de um enunciado modal que surge outro enunciado.
(Id., ibid., p. 178)

Destarte, o sujeito do *fazer-ser* é o ser competente para fazer ou desfazer alguma coisa; já, o sujeito do *fazer-fazer*, “[...] isto é, como uma estrutura modal constituída de dois enunciados* em relação hipotáxica, que têm predicados* idênticos, mas sujeitos diferentes (‘fazer de forma que o outro faça...’).” (Id., ibid., p. 177). Este sujeito do *fazer-fazer* é o ser manipulado pelo outro, para executar um programa de ação previamente planejada, conforme o programa narrativo.

1.2. A competência

Este elemento do percurso gerativo pressupõe o saber do sujeito capacitando-o a realizar alguma coisa, pois, conforme os estudiosos do assunto:

[...] a competência é um saber-fazer, é esse ‘algo’ que torna possível o fazer. Mais ainda, esse saber-fazer, enquanto ‘ato de potência’, é separável do fazer sobre o qual ele incide: se existe um saber-fazer manipulador das regras da gramática, existe um outro fazer que manipula, por exemplo, as regras da polidez. (Id., ibid., p. 62)

Portanto, no caso, o sujeito do saber-fazer é o artífice potencial de suas próprias ações. O saber gera o fazer manipulando-o, direcionando-o, para uma mudança de posição comportamental de uma regra-x para uma regra-y. Possivelmente, a mudança de regra está vinculada às condições da natureza humana; assim descritas: 1. A *sociabilidade* é propensão da vivência humana para com o seu semelhante e, ainda, pela comunicação das suas experiências e desejos. 2. A *politicidade* expressa o conjunto das relações mantidas do indivíduo para com o outros no âmbito de um grupo social. (MONDIN, 1980, p.154). Portanto, o grupo social é o regulador das ações humanas coletivas, de um modo geral. No caso, há uma necessidade primordial do homem fazer parte do seu meio social e político, pois, conforme o filósofo da antiguidade: “O homem é, por natureza, um animal político. Aquele que, por natureza, não possui estado, é superior ou mesmo inferior ao homem, quer dizer: ou é um Deus ou mesmo um animal.” (ARISTÓTELES *apud* MONDIN, ibid., mesma página). Sob a ótica da sociabilidade,

principalmente, o homem precisa conhecer as regras sociais onde ele vive, ou dizendo de outro modo:

O conhecer, de fato, coloca-o em condições de adquirir conhecimento dos outros, de apreciar a sua presença, de reconhecer a importância de unir-se a eles; a linguagem [...] consente-lhe entrar em comunicação com seus semelhantes; enfim, a vontade o incita a entrar em contato com eles e a trabalhar junto a eles. (Id., *ibid.*, mesma página).

1.3. A performance

No percurso gerativo, a performance compreende o processo do fazer acontecer alguma coisa, ou ainda, dizem-nos os teóricos:

[...] a *performance* identifica-se, numa primeira abordagem, como ato* humano, que interpretamos (em português comum) como um ‘fazer-ser’ e a que damos a formulação canônica de uma estrutura modal*, constituída para enunciado do fazer* que rege um enunciado de estado*. (Id., *ibid.*, p. 329)

Cabe-nos aqui avançarmos mais sobre a noção de *performance* identificada como *ato humano*. O ser-ato implica no possuir uma essência, para que possa manifestar a sua existência. Dito de outra forma: “A essência aparece como o que pode existir, como estando em potência para a existência é o que confere à essência o ato de existir, o que faz dela um ser em ato.” (JOLIVET, 1961, p. 289). Portanto, a essência é a base fundamental para a existência do ser de alguma coisa. À guisa de exemplificação, temos:

[...] nas proposições ‘Pedro lê’, ‘o homem é racional’, ‘o muro é branco’, as palavras *Pedro, o homem, o muro* são os sujeitos nos quais existem ou podem existir a leitura, a razão, a brancura; - seja *o que uma coisa* é: Pedro é *homem*, o muro é *branco*, César foi um *grande capitão*. Estas últimas acepções compõe o que se chama, em sentido lato, a *essência*. (Id., *ibid.*, p. 288).

No caso, a *essência* de algo designa a existência desse algo. Pois, existir é manifestar o modo de ser, ou seja, o que se expressa pelo dizer.

1.4. A sanção

No caso desse percurso narrativo, a sanção alude o produto final do cumprimento de um plano feito pelo sujeito performativo; ou melhor dizendo com os autores do assunto: “Sanção é uma figura correlata à manipulação*, a qual, uma vez inscrita no esquema narrativo*, se localiza nas duas dimensões da pragmática* e na cognitiva.” (GREIMAS; COURTES, *op. cit.*, p. 389). Há, no caso, um vínculo de relação entre sanção e manipulação, ou seja, um interdependência ocorrente. Intrinsecamente, a manipulação prevê a sanção, principalmente quando ela tem uma orientação pragmática. Pois, ainda, conforme os expoentes da semiótica objetal:

A sanção pragmática é um juízo epistêmico, proferido pelo Destinatador-julgador sobre a conformidade dos comportamentos e, mais precisamente, do programa* narrativo do sujeito* ‘performante’ em relação ao sistema axiológico* (de justiça, de ‘boas maneiras’, de estética, etc.), implícito ou explícito, pelo menos tal como foi atualizado no contrato* inicial. Do ponto de vista do Destinatário*-sujeito, a sanção pragmática corresponde à retribuição*: enquanto resultado, esta é a contrapartida, na estrutura da troca*, exigida pela *performance** que o sujeito realizou de acordo com as suas obrigações contratuais; pode ser positiva (recompensa*) ou negativa (punição*); neste último caso, conforme seja a punição aplicada para um

Destinador individual ou social, a retribuição negativa se chamará vingança* ou justiça*. (Id., *ibid.*, mesma página).

A sanção é o epílogo da narrativa: punição para os vilões; recompensa para os heróis.

2. O percurso narrativo e os sujeitos actantes na fábula.

Após esta exposição metalingüística, transcrevemos, em seguida, aplicando as noções teóricas do percurso narrativo na análise da fábula *A gralha soberba e o pavão*², para verificar principalmente os sujeitos (actantes) no percurso narrativo desta fábula. Cada sujeito, por sua vez, assume um papel temático, decorrente de sua ação nesta narrativa.

III – A GRALHA SOBERBA E O PAVÃO

1. Esopo nos deu este exemplo para que não seja de agrado gloriar-se de bens alheios e, sim, aceitar a vida própria como ela é.
2. Uma gralha, intumescida de soberba, agarrou as penas caídas de um pavão e com elas adornou-se.

Em seguida, desprezando os seus, inseriu-se em meio aos esplêndidos pavões, mas esses lhe arrancaram a plumagem e afugentaram a imprudente a bicadas.

A gralha maltratada retornou triste para o grêmio de sua raça. Repelida, (também) dele, sofre triste afronta.

Então um daqueles aos quais antes ela desprezara, (disse): ‘Se tivesses ficado satisfeita com nossa morada e suportando o que a natureza nos deu, não experimentarías aquela injúria nem teu infortúnio sentiria (nossa) repulsa.

Assim, o enunciado, “Uma gralha, intumescida de soberba, agarrou as penas caídas de um pavão e com elas adornou-se” (linhas 3 e 4), denota implicitamente o plano de manipulação do sujeito Destinador *gralha*: fazer-ser para os sujeitos destinatários a sua postura comportamental semelhante ao do pavão. O fazer-ser pressupõe uma competência, no nível cognitivo, para fazer crer ao outro – pavão – a sua proximidade por semelhança ditada pela natureza formal do pavão, principalmente.

No íntimo, a gralha inconformada com a sua condição de ser-gralha, elabora um plano a fim de iludir os pavões ao revestir-se de pavão. Desse modo, ela, inicialmente, mostra-se como sujeito do fazer-fazer. Esta fase do plano é a da manipulação. No caso, o fazer-fazer compreende a exequibilidade do plano: o fazer implica levar o sujeito Destinatário – pavões - a crer realmente na proposta implicada do plano do sujeito Destinador – gralha -.

Na competência narrativa, o saber-fazer manifesta-se na capacidade da gralha por meio das seguintes ações: - agarrar penas do pavão; - com estas penas adorna-se, enfeita-se.

A competência do sujeito Destinador está na busca estratégica para atingir o seu objetivo: parecer-se com o sujeito Destinatário. Para tanto, arquiteta o seu plano de ação por meio dos recursos materiais – penas -. Estes recursos possibilitam eficazmente cumprir a meta a serviço do adorno que lhe permite a similitude com este sujeito Destinatário.

A performance, no caso, ocorre mediante a passagem da fábula: “Em seguida, desprezando os seus, inseriu-se em meio aos esplêndidos pavões [...]” (linhas 5 e 6). Há nitidamente duas ações: - desprezo da gralha para com seu grupo; - inserção da gralha indo ao encontro do grupo dos pavões.

A gralha, sujeito do fazer-parecer, imbuí-se do seu propósito de transformar o seu ser potência para ultimar ao seu ser-ato, para parecer com o ser-pavão.

Destarte, ela vê-se, neste momento, não mais como uma gralha, mas como um pavão. O adorno de penas de pavão garante-lhe a legitimidade de parecer-ser pavão. Por isso, observamos

² Cf. FEDRO, T. J. *Fábulas*: texto integral. Tradução de Luiz Ferracine. São Paulo: Escala, 2006.

as atitudes de desprezo para com seu bando; e de união para com o bando dos pavões levado pela sua soberba.

Dessa forma, esse sujeito Destinator – gralha – executa o seu plano de manipulação, para transformar-se, por meio de sua potencialidade criadora, em ato ao ser semelhante ao sujeito Destinatário – pavão -. Este sujeito, certamente, é o estímulo fundamental para o sujeito Destinator, porque lhe chama a atenção à forma dos “esplêndidos pavões” (linha 5 e 6) e o conjunto harmônico das cores vivas dispostas em desenhos ricos de variação.

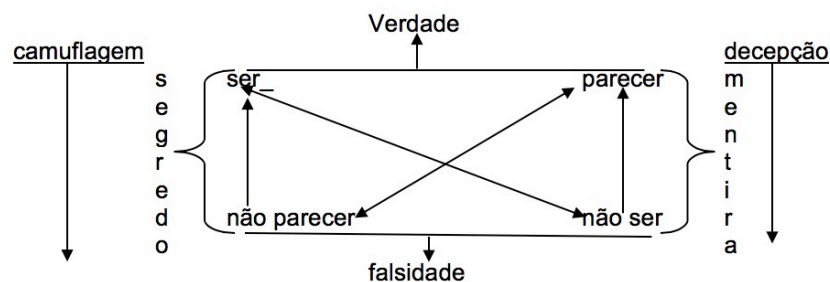
O estar no meio dos pavões, para o sujeito do fazer ser, é estar revestido da beleza e da imponência dos que lhes são caros. Daí o desprezo por aqueles de sua plumagem. Pois, a plumagem de sua espécie não tem o mesmo brilho da outra.

Já, a sanção, prescrita ao sujeito do fazer-fazer, ocorre nesta passagem: “[...] mas esses lhes arrancaram a plumagem e afugentaram a imprudente a bicadas.” (linhas 6 e 7). Outrossim, o sujeito Destinatário – pavão – não aceita a presença camuflada do sujeito Destinator em seu meio; pois a vê como um indivíduo intruso. Este indivíduo por mais que tente ser, na aparência camuflada, um pavão, dificilmente tomará o mesmo lugar o e o mesmo espaço do ser sujeito-Destinatário.

Em outro momento, verificamos a segunda sanção punitiva destinada ao sujeito do fazer-fazer, ocorrendo na seguinte passagem: “A gralha maltratada retornou triste para o grêmio de sua raça. Repelida (também) dele, sofre triste afronta.” (linhas 8 e 9).

Portanto, o sujeito performativo recebe dupla sanção punitiva: - afugentada com as bicadas dos pavões; - repelida e afrontada pelos seus de mesma plumagem.

A seguir, representamos, por meio do gráfico, o quadrado semiótico das modalidades veridictórias do ser performativo, sujeito Destinator – gralha -:



Assim, temos:

1. Se a *gralha* parece e é; então é verdadeira.
2. Se a *gralha* não parece e não é; então é falsa.
3. Se a *gralha* não é, mas parece; logo é mentira.
4. Se a *gralha* não parece, mas é; logo é segredo.
5. Se a *gralha* parece, mas não é; logo é decepção.
6. Se a *gralha* é, mas não parece; então é camuflagem.

A isotopia é dada por meio da retirada dos semas profundos deste texto, assim definido:

- Itens eufóricos, o que se afirma no texto: enunciados 1, 4 e 6.
- Itens disfóricos, o que se nega no texto: 2, 3 e 5.

Diante dessa exposição, verificamos, basicamente, na narrativa desta fábula, quatro actantes, sujeitos da narrativa.

O actante, de acordo com os linguistas, define-se desta maneira:

[...] pode ser concebido como aquele que realiza ou sofre o ato*, independentemente de qualquer outra determinação. Assim, para citar L. Tèrnière, a quem se deve o termo, ‘actantes são os seres ou coisas que, a um título qualquer e de um modo qualquer, ainda a título de nomes figurantes e da maneira mais passiva possível, participam do processo’. (GREIMAS; COURTES, op. cit., p.12).

Portanto, os actantes são os figurantes que realizam uma ação ou que sofrem uma ação. Vejamos na fábula, em questão, no quadro, a representação simbólica dos actantes:

S1= a gralha soberba → sujeito da performance, sujeito Destinator.
 S2= um pavão; um bando de pavões → sujeito Destinatário.
 S3= bando de galinhas → sujeito desprezado por S1 e que despreza S1.

O sujeito S1 é o sujeito do *fazer-fazer*, do fazer manipulativo. A sua ação é definida pela capacidade de elaborar o projeto de manipulação, a fim de atingir o objetivo primordial em questão: - fazer parte do bando dos pavões. Por isso, S1 é, ainda, o sujeito do *fazer-ser*, quando é capaz do fazer operatório usando estratégia de manipulação direcionada à S2.

No caso, pressupomos a capacidade de S1 ao conhecimento pré-determinado das suas ações, tornando-a competente. Para um aprofundamento nocional mais amplo a respeito desse conhecimento, temos a seguinte posição antropológica:

Conhecer é ser consciente de alguma coisa. Conheço a maçã quando estou consciente desse objeto com estas determinadas propriedades quando chamo maçã. Conheço meu tio quando estou consciente dessa pessoa e do grau e parentesco que ela tem comigo. (MONDIN, 1980, p.62).

Para tanto, o conhecer é construir uma idéia sobre alguma coisa. S1 mostra-se como sujeito do saber quando elabora e executa o seu plano em questão.

O sujeito S2 é o sujeito Destinatário da ação de S1; mas, também, é o sujeito do impedimento da realização do objetivo de S1. Nesta ação de impedimento, S2 apresenta-se como sujeito do *fazer-ser*, quando expulsa S1, a bicada, do seu espaço social.

Dessa maneira, S2 percebe que S1 destoa do seu grupo, principalmente pela aparência formal de ser não correspondendo ao do seu grupo. Logo a diferença dessa forma é motivo para S2 não aceitar S1 no seu meio.

O sujeito S3 é o sujeito do desprezo e o sujeito que despreza. Para tanto, o desprezo implica a ação S1 direcionada para S3, ou melhor, S3 é o sujeito destinatário do desprezo.

No entanto, S3, em um primeiro momento, não reage a ação de desprezo de S1; mas, em um segundo momento, S3 reage a ação de S1, quando a mesma retorna ao seu bando de mesma roupagem. Assim, S3 é o sujeito do *fazer-ser* quando percebe e admoesta o plano de S1, dizendo: “Se tivesses [S1] ficado satisfeita com nossa morada e suportado o que a natureza nos deu, não experimentarías aquela injúria nem teu infortúnio sentiria esta (nossa) repulsa.” (linhas 10 à 13).

3. Considerações finais

Nesta narrativa, verificamos as modalidades da semiótica objetual dos sujeitos – actantes -, principalmente as seguintes: *fazer-ser* e *fazer-fazer*, pertinentes à gralha soberba, aos pavões e às galinhas desprezadas.

O percurso gerativo elucida substancialmente a natureza dos actantes quer pela narratividade, quer pela representação esquemática do quadrado semiótico, principalmente.

REFERÊNCIAS

- FEDRO, T. J. **Fábulas**: texto integral. Tradução: Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2006.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução: Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Cultrix, [1979].
- MONDIN, B. **O homem, quem é ele?** Elementos de Antropologia Filosófica. Tradução: R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulinas, 1980.

Recebido em: setembro de 2017.

Aprovado em: novembro de 2017.

Como citar este trabalho:

ALMEIDA, M. E. “A gralha soberba e o pavão” (Fedro): uma abordagem semiótica do sujeito. **Traços de linguagem**, v. 2, n. 2, p. 37-43, 2018.
